

## GRAMSCI E A ESCOLA UNITÁRIA

Deborah Freitas Assunção Chamahum<sup>1</sup>  
Célia Aparecida Almeida Estevam<sup>2</sup>

### RESUMO:

Este artigo faz abordagem à temática escola unitária e tem como objetivo apresentar a essência do pensamento do italiano Antonio Gramsci (1891-1937) sobre este tema e suas contribuições para o sistema educacional, explorando a relação entre as concepções de cultura, de educação e a de intelectual. A metodologia constituiu-se de pesquisa bibliográfica, recortes de textos que tratam do tema, encontrados em livros e artigos. O método de análise foi a leitura crítica e comparativa do entendimento de diferentes autores: Monasta, Nosella, Rodrigues e Hora, Gomes, Fortunato, Sena Júnior e Silva. Com os resultados conclui-se que Gramsci reconhecia a relevância da escola na formação de hábitos morais e disciplinares. Acreditava que por meio da educação seria oportunizada a constituição da identidade da classe trabalhadora e sua capacidade de se tornar classe dirigente. Nesse sentido, afirmava que cabia à escola formar cidadãos para atuarem de forma autônoma e crítica transformando a sociedade, independentemente da classe social a quais pertenciam.

**PALAVRAS-CHAVE:** Escola unitária. Educação. Cultura.

### ABSTRACT:

This article makes an approach to the thematic unitary school, and aims to introduce the thinking essence of the Italian Antonio Gramsci on this matter and his influences on the educational system, exploring the relation between the culture idea, education and the intellectual conception. The methodology was constituted by a bibliography research, in which some texts and articles were selected. The analyses method was the critical and comparative reading of some different authors. The conclusion is that Gramsci believed that, by the education, the constitution of the working class would be possible, allowing this class to become the managing class. In this sense, he used to claim that was up to school the responsible of formatting citizens able to actuate autonomously and critical in order to transform the society, regardless of the social class to which they belonged.

**KEYWORDS:** Unitary school. Education. Culture.

---

<sup>1</sup> Mestranda do Curso de Mestrado Profissional em Educação Tecnológica do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Triângulo Mineiro – IFTM, Campus Uberaba; e-mail [deborah@iftm.edu.br](mailto:deborah@iftm.edu.br).

<sup>2</sup> Mestranda do Curso de Mestrado Profissional em Educação Tecnológica do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Triângulo Mineiro – IFTM, Campus Uberaba; e-mail [celia@iftm.edu.br](mailto:celia@iftm.edu.br)

## **INTRODUÇÃO**

A escola unitária foi uma proposta defendida pelo italiano Antonio Gramsci (1891-1937), considerado um teórico marxista, que se dedicou ao estudo e difusão de temas relativos à filosofia, cultura, história, política, literatura e educação. Ele nutria um profundo interesse pela educação e suas análises críticas e reflexivas revelavam seu descontentamento com a política educacional italiana, por seu caráter discriminatório e dualista. Gramsci defendeu a institucionalização da escola unitária para todos, sem distinção de classe social, circunstância em que abordava desde a sua organização até os conteúdos e métodos a serem empregados. Compreendia que a escola é um instrumento fundamental para o homem conquistar a autonomia e a emancipação e, sobretudo, a capacidade de transformar a realidade e promover mudanças sociais. Afirmava que por meio da educação seria oportunizada a constituição da identidade da classe trabalhadora e sua capacidade de se tornar classe dirigente.

Neste contexto, o desenvolvimento deste artigo teve como objetivo geral apresentar a essência do pensamento de Antonio Gramsci sobre a escola unitária e suas contribuições para o sistema educacional, explorando a relação entre as concepções de cultura, de educação e a de intelectual. Para alcançar o objetivo proposto utilizou-se a pesquisa bibliográfica e por meio do levantamento bibliográfico realizado em livros e artigos foram selecionados textos que trataram do assunto em questão. O método de análise foi a leitura crítica e comparativa do entendimento dos autores: Monasta, Nosella, Rodrigues e Hora, Gomes, Fortunato, Sena Júnior e Silva.

O texto é estruturado em três vertentes: a primeira exhibe uma breve biografia do filósofo; a segunda descreve sobre as publicações de Gramsci, destacando as publicações brasileiras; e por último, evidencia o pensamento de Gramsci sobre a escola unitária.

## **ANTONIO GRAMSCI E O ENGAJAMENTO NO MOVIMENTO SOCIALISTA**

Antonio Gramsci, filósofo, político, teórico marxista, comunista e antifascista, nasceu em 1891 na Sardenha, região da Itália, descendente de família de origem humilde. Enquanto estudante do curso ginásial começou a frequentar ambientes socialistas e a participar de grupos juvenis que discutiam problemas econômicos e sociais da Sardenha.

Segundo Monasta (2010), Gramsci foi estudar Letras na Universidade de Turim, contudo, em virtude de problemas de saúde e econômicos abandonou os estudos. Dedicou-se ao ofício de jornalista, publicando artigos e escrevendo críticas teatrais, passando a assistir regularmente as reuniões do Partido Socialista e da organização sindical – Confederação Geral do Trabalho. Dirigiu o jornal da seção socialista a partir de 1915 e, logo após 1917, foi eleito Secretário regional do Partido Socialista Italiano (PSI) de Turim, denominada de “cidade vermelha”, tendo como função primordial a reorganização do movimento socialista (COUTINHO; KONDER, 1978). Na posição de líder do movimento, organizou os “conselhos de fábrica” e criou o jornal *L’Ordine Nuovo* (A Nova Ordem) em 1919, que trouxe, em sua primeira edição, as palavras de ordem: “Instruí-vos, porque precisamos da vossa inteligência. Agitai-vos, porque precisamos do vosso entusiasmo. Organizai-vos, porque carecemos de toda a vossa força” (GRAMSCI, 1999, p. 54). Gramsci criou, no ano de 1920, um grupo de educação comunista (SILVA, 2010). Em 1921, em consequência de discordância dentro do partido socialista, fundou o Partido Comunista Italiano (PCI) e se tornou seu dirigente máximo, promovendo uma oposição à ascensão do fascismo na Itália. Em 1924 foi eleito Deputado pelo PCI (COUTINHO; KONDER, 1978).

Embora desfrutasse de imunidade parlamentar, Gramsci foi preso em 1926, juntamente com outros deputados comunistas, em decorrência de medidas excepcionais promulgadas pelo regime fascista de Mussolini. Na época ocupava, também, o cargo de secretário geral do PCI. Foi condenado a vinte anos de prisão em 1928, em virtude da intimação apresentada ao juiz em seu julgamento, onde constava: “Devemos impedir esse cérebro de funcionar durante vinte anos” (MONASTA, 2010, p. 15).

A partir de 1929, decorridos mais de dois anos de prisão, Gramsci obteve autorização para escrever e iniciou a escrita dos *Cadernos do Cárcere*. De acordo com Gerratana (2007, apud SILVA, 2010, p. 27),

dos 33 Cadernos que produz, 29 são destinados a produção própria seja de notas sobre diferentes assuntos e extensões, compondo assim os intitulados “cadernos de miscelâneas”, seja nos “cadernos especiais” que abordavam um único tema curado com maior afinco e, por vezes, retomando notas esparsas escritas nos cadernos de miscelâneas.

Cumpriu dez anos de prisão e nesse período apresentou vários problemas de saúde que foram se agravando, debilitando-o fisicamente. Faleceu em 1937, logo após ser decretada sua liberdade.

## **PRODUÇÃO BIBLIOGRÁFICA GRAMSCIANA E OS FUNDAMENTOS MARXISTAS**

A obra que fez Gramsci se perpetuar como pensador e educador está fundamentada nas *Cartas do Cárcere* e nos *Cadernos do Cárcere* (MONASTA, 2010). Segundo Silva (2010, p. 28) “uma das primeiras confusões que se estabelece quando se inicia um estudo sobre Gramsci é pressupor que ele escreveu livros”. De acordo com Gomes (2013) a obra de Gramsci está dividida em três conjuntos: *Escritos Políticos*, compostos pelos escritos pré-carcerários e publicados na imprensa socialista; as *Cartas do Cárcere*, num total de 494 que foram destinadas aos familiares e membros do PCI; e os *Cadernos do Cárcere*, totalizando 33 cadernos escolares, onde escreveu o estudo que desenvolveu durante o período de detenção. Gramsci escreveu os *Cadernos do Cárcere* e as *Cartas do Cárcere* empregando, por vezes, expressões e conceitos inéditos e singulares, como também, linguagem cifrada, visando confundir e despistar a vigilância do regime fascista de Mussolini.

Gramsci, conforme relata Silva (2010), abordou em seus estudos diversos temas, tais como *Teoria do Estado Ampliado; Sociedade civil e sociedade política; Oriente e Ocidente; Partidos políticos e ideológico; Hegemonia; Transformismo; Bloco histórico capitalista burguês; O materialismo histórico e filosofia de Benedetto Croce; Os intelectuais e a organização da cultura; O Ressurgimento; Notas sobre Maquiavel, a política e o Estado Moderno; Literatura e vida nacional, Passado e presente; Socialismo e fascismo; A construção do partido comunista; Alguns temas sobre a questão meridional; Ensino profissionalizante; Universidade popular; dentre outros.*

A primeira edição dos escritos do cárcere foi publicada em 6 volumes após a queda do regime fascista, pelo editor turinês Einaudi, sendo supervisionada pessoalmente pelo então secretário geral do PCI Palmiro Togliatti. Destes, o primeiro volume publicou uma seleção de *Cartas do Cárcere*. Posteriormente, foram publicados os escritos pré-carcerários, organizados em 5 volumes. Somente em 1975 foi publicada uma “nova edição” da obra de Gramsci, contendo os textos completos, preservando a ordem cronológica e as versões originais (MONASTA, 2010).

As primeiras obras de Gramsci publicadas no Brasil, de acordo com Monasta, (2010) foram: *Concepção Dialética da História* (1978), *Os Intelectuais e a Organização*

*da Cultura* (1978), *Maquiavel, a Política e o Estado Moderno* (1978), *Literatura e Vida Nacional* (1978) e *Cartas do Cárcere* (1978).

Segundo Sena Júnior (2013, p. 22), a partir de 1999 a nova edição de Gramsci no Brasil, está fundamentada na “edição crítica” de Valentino Gerratana, publicada na década de 70 na Itália, e conta com: *Cadernos do Cárcere*, publicado em 6 volumes; *Escritos políticos* (1910-1926) com 2 volumes; e *Cartas do cárcere* (1926-1937), também, com 2 volumes. Como precursor na introdução de Gramsci no Brasil, o professor Carlos Nelson Coutinho foi, novamente, o responsável pela tradução e edição brasileira da nova edição de sua obra.

## **A PROPOSIÇÃO DA ESCOLA UNITÁRIA COMO CONDIÇÃO EMANCIPATÓRIA.**

Em sua obra, Gramsci tratou dos temas relativos à filosofia, cultura, história, política, literatura e educação. Nosella e Azevedo (2009, p. 25) citam que “Gramsci acreditava que o mundo pode ser transformado e a educação e cultura podem ser causa e efeito dessa mudança”, e o segundo motivo para a educação e a escola merecerem atenção especial consiste em que a “escolarização é um meio de formação ‘massiva’ de quadros dirigentes e de cidadãos em geral”. Nesta perspectiva, é apresentada mais detalhadamente a essência do pensamento de Gramsci em relação à escola unitária, bem como, as abordagens de alguns autores sobre o assunto, a fim de evidenciar suas contribuições para o sistema educacional.

A difusão do pensamento Gramsci, relacionada à educação e cultura, é encontrada ao longo de todo o seu estudo, como é mencionado por Monasta (2010, p. 19):

ao dar exemplos de diferentes campos de estudo (filosofia, história, literatura, organização da cultura e escolas), Gramsci queria descobrir (e educar outros que pudessem por sua vez descobrir) a ‘função intelectual’ real dentro das sociedades, função que é, sempre e inseparavelmente, educativa e política.

Segundo Nosella e Azevedo (2009, p. 27), Gramsci questionava o caráter dualista do sistema escolar italiano e insistia na institucionalização da escola única para todos, como forma de reduzir as diferenças sociais e promover a emancipação humana:

[...] a existência de dois tipos de escola para dois tipos de classes de cidadãos: a escola desinteressada-do-trabalho, para a elite, com um programa humanista, de vasta e moderna cultura universal, destinada àqueles que não precisam se submeter ao imediatismo do mercado profissional; e a escola interessada-do-trabalho, precocemente profissionalizante, com um pragmático e pobre currículo,

destinada à parcela majoritária da população, com o intuito de formar jovens para o imediatismo do mercado, sem preocupações com os valores universais.

De acordo com Gomes (2013, p. 163), Gramsci evidenciava no texto *Homens ou máquinas?* uma política educacional italiana discriminatória, na qual a escola média e superior era destinada aos filhos da burguesia, enquanto ao proletariado era destinada a escola profissional, com vistas a sua inserção no mercado de trabalho, sendo restrito o “acesso dos trabalhadores à cultura geral”. Na sequência, trechos do texto de Gramsci - *Homens ou máquinas?*

O proletariado, que está excluído das escolas de cultura média e superior por causa das atuais condições da sociedade que determinam certa especialização entre os homens – especialização antinatural, já que não baseada na diferença de capacidade e, por isso, destruidora e prejudicial à produção -, tem de ingressar nas escolas paralelas: técnicas e profissionais. [...] O proletariado precisa de uma escola desinteressada. Uma escola na qual seja dada à criança a possibilidade de ter uma formação, de tornar-se homem, de adquirir aqueles critérios gerais que servem para o desenvolvimento do caráter. Em suma, uma escola humanista, tal como a entendiam os antigos e, mais recentemente, os homens do Renascimento. [...] Mesmo através da cultura profissional é possível fazer que surja da criança o homem, contanto que se trate de cultura educativa e não só informativa, ou não só prática manual (GRAMSCI, 1976 apud MONASTA, 2010, p. 64-7).

Gomes (2013, p. 162) observa, ainda, que Gramsci defendia a disseminação da cultura geral para as novas gerações, incluindo os trabalhadores no “programa educacional da escola unitária”, enfatizando que a “cultura tem o papel de unificar os indivíduos” e que a mesma era considerada o pilar sustentador da formação humana, condição necessária para o desenvolvimento da capacidade intelectual.

Gramsci almejava uma educação capaz de oferecer às novas gerações, inclusive aos subalternos, a possibilidade de aquisição da alta cultura. Ele defendeu que essa tarefa pertencia a escola que, Unitária, deveria instigar e fomentar a maturidade intelectual de jovens e crianças, aliando o desenvolvimento da capacidade de criação intelectual e prática com a iniciativa e autonomia de orientação. Esses elementos expressam a contradição da organização escolar italiana praticada na década de 1920, na qual a formação da alta cultura e da intelectualidade era deixada para os estudos universitários, aos quais os subalternos não tinham acesso em função das necessidades efetivas de manutenção material de sua existência. Como resultado, os egressos da escola elementar e média que não tinham o pleno domínio da linguagem e por isso mesmo não transitavam entre os conhecimentos básicos da cultura geral, mantinham-se como um grupo desagregado e disperso e incapaz de ler o discurso hegemônico e de se contrapor a ele (GOMES, 2013, p. 162-3)

Para Gramsci (1982, p. 118) o desenvolvimento industrial da época ocasionou a demanda de um novo tipo de intelectual urbano e a tendência era disseminar “escolas profissionais especializadas”, na qual se determinaria previamente o destino e atividade futura do aluno, preparando-o para um ofício determinado. Assim, passou a difundir a

instituição da escola única, contrariamente a divisão da escola em profissional e clássica, na qual a primeira destinava-se a atender às classes instrumentais, enquanto a segunda às classes dominantes e aos intelectuais. Nesse sentido destacava que

a crise terá uma solução que, racionalmente, deveria seguir esta linha: escola única inicial de cultural geral, humanista, formativa, que equilibre equanimemente o desenvolvimento da capacidade de trabalhar manualmente (tecnicamente, industrialmente) e o desenvolvimento das capacidades de trabalho intelectual. Deste tipo de escola única, através de repetidas experiências de orientação profissional, passar-se-á a uma das escolas especializadas ou ao trabalho produtivo (GRAMSCI, 1982, p. 118).

Segundo Nosella (1992, apud FORTUNATO, 2009, p. 9472-3) o que motivava Gramsci para os assuntos relativos à formação cultural dos trabalhadores era a preocupação e a inquietude quanto à preparação prévia dos dirigentes, que haveriam de conduzir o “Estado Proletário” com a institucionalização do comunismo, visto que, para a referida atividade seriam exigidos indivíduos de “visão ampla, complexa, porque governar é uma função difícil” e todos deveriam estar aptos para se tornarem dirigentes, frente a um “estado de igualdade de condições, sem distinção de classes, sem diferenças entre governantes e governados”. Gramsci tinha consciência que por meio da escola e da educação o homem poderia adquirir conhecimento significativo e formação humana para transformar a sociedade.

A escola unitária, proposta por Gramsci, seria organizada para durar em torno de 10 anos, compreendendo 3 a 4 anos para o primeiro grau elementar, tendo como conteúdo as noções básicas do ensino, “ler, escrever, fazer contas, geografia, historia”, além de inserir a parte referente aos “direitos e deveres”, primeiras noções de Estado e sociedade, como elemento fundamental (GRAMSCI, 2001, p. 37).

A fase final do curso, que não deveria durar mais de 6 anos, seria destinada a desenvolver os valores do “humanismo, a autodisciplina intelectual e a autonomia moral”, indispensáveis a continuidade dos estudos ou ao exercício das atividades produtivas. Dessa maneira os alunos deveriam concluir todos os graus entre 15 e 16 anos (GRAMSCI, 2001, p. 39).

Sob o ponto de vista de Gramsci, ao término da escola única, transcorridos reiteradas experiências de orientação profissional, o aluno estaria apto a cursar uma escola especializada ou avançar para o trabalho produtivo (MONASTA, 2010).

No entendimento de Gramsci, relatado por Gomes (2013, p. 168), a proposta almejada pela escola unitária, além de “inserir os jovens na vida social”, é buscar as

“condições intelectuais necessárias ao domínio não só dos processos produtivos especializados, mas da organização dos meios de produção”, para constituir homens autônomos o suficiente para transformar a sociedade.

A escola unitária ou de formação humanista (entendido este termo, “humanismo”, em sentido amplo e não apenas em sentido tradicional) ou de cultura geral deveria assumir a tarefa de inserir os jovens na atividade social, depois de tê-los elevado a um certo grau de maturidade e capacidade para a criação intelectual e prática e a uma certa autonomia na orientação e na iniciativa (GRAMSCI, 2001, p. 36).

Gramsci (1982) entendia que o Estado deveria assumir a responsabilidade pela manutenção da educação, que deveria passar de privada para pública, visto acreditar que somente encarregando-se (o Estado) das despesas de formação das novas gerações poderia abranger toda a população sem distinção de classes. A escola unitária deveria funcionar em período integral, diurno e noturno, e o estudo se desenvolveria de forma coletiva, com a tutoria de professores e dos melhores alunos. Deveria, ainda, possuir prédios com dormitórios, refeitórios, bibliotecas especializadas, salas para seminários, dentre outros. Gramsci estava ciente que, com a alteração na organização escolar seriam inevitáveis as expansões que afetariam a infra-estrutura, o material científico, o corpo docente, etc., o que, conseqüentemente, provocariam problemas de difícil solução (GRAMSCI, 1982).

Silva (2010) aponta que Gramsci reconhecia a relevância da escola na formação de hábitos morais e disciplinares. Acreditava que cabia à escola assegurar a disciplina como exigência no processo educativo, promovendo, assim, uma “educação intencional e diretiva para ampliação intelectual, moral e cultural dos sujeitos”. Confiava que, somente por meio de um processo de formação sério aliado ao rigor e à disciplina, seria possível criar condições para que o indivíduo se tornasse um “sujeito autônomo em todas as esferas sociais”. Uma vez que, o processo de ensino aprendizagem não poderia, em sua totalidade, ser considerado prazeroso, pelo contrário, requeria “compromisso, disciplina e determinação” em prol da mais “ampla e completa formação humanista e intelectual” (SILVA, 2010, p. 221 a 223).

[...] adolescente, aos quais é preciso fazer com que adquiram certos hábitos de diligência, de exatidão, de compostura até mesmo física, de concentração psíquica em determinados assuntos, que só se podem adquirir mediante uma repetição mecânica de atos disciplinados e metódicos (GRAMSCI, 2001, p. 46).

No que se refere à formação unitária, Rodrigues e Hora (2012) afirmam que, Gramsci recomendava o trabalho como parte dos fundamentos educacionais, promovendo, nesse sentido, a fusão entre ciência e trabalho, direcionando todo o processo educativo no

âmbito escolar. Compreendia também o trabalho e a produção como referenciais para a reorganização escolar, visto que sempre se reportava ao trabalho como princípio educativo.

Para Gramsci o homem se produz enquanto homem a partir do trabalho, e as práticas sociais são todas práticas que convivem com a linguagem da ciência. Isso significa que ao mesmo tempo em que se produz trabalho se produz cultura, e também se produz ciência, ou melhor, a partir do trabalho, ou dessa proposição entre trabalho e cultura vai se elaborando ciência. Portanto, parece apropriado afirmar que Gramsci, ao propor o princípio do trabalho como articulador entre cultura e ciência, evidencia que o trabalho se institui como princípio educativo (RODRIGUES; HORA, 2012, p. 5-6)

O modelo educacional proposto por Gramsci promoveria mudanças nas relações humanas e na forma de ver e agir sobre a realidade, se constituindo na estratégia de formação da classe trabalhadora para atuar de forma autônoma e crítica. Na concepção de Silva (2010),

O princípio da escola única do trabalho não seria restrito aos níveis elementar e médio, mas também ao nível superior; portanto, não seria uma etapa na formação escolar dos sujeitos, mas o pilar da formação integral do homem, tendo em vista sua relação intrínseca com a vida social. A escola média deveria estar organizada de modo a dar continuidade e aprofundamento ao trabalho desenvolvido na etapa elementar. Não apenas dando sequência a hierarquia de conteúdos, mas, principalmente, no trato de questões e valores essenciais e compatíveis a uma nova sociedade (SILVA, 2010, p. 233).

Nosella e Azevedo (2009, p. 27) destacam que, Gramsci compreendia a instituição da escola unitária apenas como o início de novas relações e que à sociedade de classes caberia a implementação de um “projeto político que a tornasse social e culturalmente cada vez mais unitária”, isto é “o projeto político geral e o pedagógico cresceriam juntos, caminhariam *pari passu*”, ações imprescindíveis para romper a “barreira da injustiça social”.

O advento da escola unitária significa o início de novas relações entre o trabalho intelectual e trabalho industrial não apenas na escola, mas em toda a vida social. O princípio unitário, por isso, irá se refletir em todos os organismos de cultura, transformando-os e emprestando-lhes um novo conteúdo (GRAMSCI, 2001, p. 40).

Os intelectuais, na concepção de Gramsci, possuem papel fundamental na formação das novas gerações, sendo esse papel nada mais do que uma função pedagógica, capaz de transformar a realidade e a sociedade, motivo pelo qual não se pode discutir educação, sem falar sobre o intelectual. Silva (2010, p. 117) afirma que, para Gramsci não é possível desvincular a dimensão educativa da descrição de intelectual, por se tratar de “caráter inerente e a razão de ser do intelectual, ao passo, que se constitui em um meio de formação do mesmo”. O “trabalho intelectual é [...] atividade inerentemente humana” e independe da

atividade exercida, apontando, inclusive, que não existe uma única categoria de intelectual (SILVA, 2010, p. 88). Nesta linha de pensamento, Gramsci destaca que:

[...] todos os homens são intelectuais, mas nem todos os homens têm na sociedade a função de intelectuais. [...] Não há atividade humana da qual se possa excluir toda intervenção intelectual, não se pode separar o *homo faber* do *homo sapiens*. Em suma, todo homem, fora de sua profissão desenvolve uma atividade intelectual qualquer, ou seja, é um ‘filósofo’, um artista, um homem de gosto, participa de uma concepção do mundo, possui uma linha consciente de conduta moral, contribui assim para manter ou para modificar uma concepção do mundo, isto é, para suscitar novas maneiras de pensar (GRAMSCI, 2001, p. 18 e 53).

Mencionando os estudos de Gramsci sobre os intelectuais, Monasta (2010) ressalta que ele defendia como ideológica a diferenciação entre “trabalho manual” e “trabalho intelectual”, considerando que em todo trabalho físico, podendo ser mecânico e até mesmo degradante, manifesta, por menor que seja, uma ação intelectual. Assim, Gramsci descrevia que:

O modo de ser do novo intelectual não pode mais consistir na eloquência, motor exterior e momentâneo dos afetos e das paixões, mas numa inserção ativa na vida prática, como construtor, organizador, “persuasor permanentemente”, já que não apenas orador puro [...]; da técnica-trabalho chega à técnica-ciência e à concepção humanista da história, sem a qual permanece “especialista” e não se torna “dirigente” (especialista + político) (GRAMSCI, 2001, p. 53).

Em relação às categorias de intelectuais, Gramsci definiu a existência do intelectual tradicional e do intelectual orgânico. O primeiro foi por ele compreendido como integrante de uma organização econômica precedente, originário de alguma classe que monopolizou algum tipo de serviço importante, como por exemplo, os eclesiásticos. Eles se consideram autônomos e independentes da classe social dominante, e se reconhecem como um grupo social próprio. O intelectual orgânico é descrito como “alguém capaz de elaborar, de modo crítico e equilibrado, suas atividades manuais e físicas, com sua atividade intelectual” (SILVA, 2010, p. 90).

Todo grupo social, nascendo no terreno originário de uma função essencial no mundo da produção econômica, cria para si, ao mesmo tempo, organicamente, uma ou mais camadas de intelectuais que lhe dão homogeneidade e consciência da própria função, não apenas no campo econômico, mas também no social e político [...] ele deve possuir uma certa capacidade técnica (GRAMSCI, 2001, p. 15)

Outro aspecto abordado por Silva (2010, p. 125), acerca do assunto, entende os professores como intelectuais orgânicos, “[...] ligados ao povo e com capacidade de organizar, mobilizar e formar os sujeitos para serem ‘donos de si’”. Eles são sujeitos fundamentais na mediação e disseminação de “[...] ideias, valores e do exercício crítico

diante de todos os fatos e acontecimentos”. São agentes essenciais no processo de formação e desenvolvimento da classe trabalhadora e, portanto, de uma nova sociedade.

Fundamentado nas questões a seguir elencadas, pode-se concluir que, em se tratando do sistema tradicional de educação, a posição de Gramsci é no sentido de inovar os métodos, conteúdos e a organização do estudo escolar:

[...] uma vinculação mais estreita entre a escola e o trabalho, entre a teoria e a prática; uma atenção maior à história da organização do trabalho e da cultura e, conseqüentemente, maior interesse no estudo da ‘fortuna’ dos clássicos e das teorias, isto é, no estudo das diferentes interpretações que tiveram na história. Finalmente, mas de grande importância: um debate aberto sobre os objetivos da educação e sobre os valores subjacentes à ação educativa em uma determinada sociedade (MONASTA, 2010, p. 34)

Gramsci insistia que a razão de ser da educação é a formação integral do homem, e a instituição da escola unitária, tendo o trabalho como princípio educativo, deveria promover a constituição da identidade da classe trabalhadora e sua capacidade de se tornar classe dirigente, para atuar de forma autônoma e crítica, transformando a realidade e a sociedade.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Constata-se que o pensamento de Gramsci em relação à educação evidentemente não se exaure neste artigo. O seu legado vem ganhando cada vez mais importância e contribuindo significativamente para a apropriação de conhecimentos historicamente produzidos, promovendo a compreensão do papel da educação na formação humana, no sentido de constituir indivíduos emancipados que possam intervir e transformar eficientemente a sociedade.

Gramsci instituiu a educação e a escola como instrumento para superar as diferenças sociais e transformar a sociedade, sendo destinada a atender a toda população, sem distinção de classes; a manter um “vínculo estreito entre a escola e o trabalho, assim como entre a educação técnica e a educação humanista”; e formar cidadãos capazes de se tornarem dirigentes independentemente do grupo social ao qual pertenciam e para atuarem de forma autônoma e crítica (MONASTA, 2010, p. 22).

A luta de Gramsci sempre foi em prol de uma escola unitária, que proporcionasse o acesso e permanência da nova geração a uma educação de qualidade, independente da posição social ocupada, e em suas palavras, que conduzisse “o jovem até os umbrais da

escolha profissional, formando-o, durante este meio tempo, como pessoa capaz de pensar, de estudar, de dirigir ou de controlar quem dirige” (GRAMSCI, 2001, p. 49).

Uma escola que não hipoteque o futuro da criança e não constrinja sua vontade, sua inteligência, sua consciência em formação a mover-se por um caminho cuja meta seja prefixada. Uma escola de liberdade e de livre iniciativa, não uma escola de escravidão e de orientação mecânica (MONASTA, 2010, p. 66).

Gramsci em suas abordagens preocupava-se em oportunizar a toda sociedade uma formação integral, nesse intuito esforçava-se para transformar “operários-máquinas” em “operários-homens” e tinha plena convicção que esta situação poderia se concretizar com a institucionalização de uma escola unitária, crítica e criativa, que desenvolvesse tanto competências predominantemente intelectuais quanto técnicas, possibilitando a autonomia dos indivíduos.

## REFERÊNCIAS

- COUTINHO, Carlos Nelson; KONDER, Leandro. **Nota sobre Antonio Gramsci**. In: Gramsci, Antonio. *Concepção Dialética da História*. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.
- FORTUNATO, Sarita Aparecida de Oliveira. **Escola, educação e trabalho na concepção de Antonio Gramsci**. 2009. Disponível em: <[http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2009/anais/pdf/2015\\_2166.pdf](http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2009/anais/pdf/2015_2166.pdf)>. Acesso em: 19 jan. 2015.
- GOMES, Jarbas Mauricio. **Cultura Geral e Escola Unitária em Gramsci**. 2013. Disponível em: <<http://www.fe.unicamp.br/revistas/ged/histedbr/article/view/5916/4887>>. Acesso em: 12 jan. 2015.
- GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere**. Os Intelectuais. O princípio educativo. Jornalismo. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001. v. 2.
- \_\_\_\_\_. **Cadernos do cárcere**. Introdução ao estudo da filosofia. A filosofia de Benedetto Croce. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999. v. 1.
- \_\_\_\_\_. **Os intelectuais e a organização da cultura**. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.
- MONASTA, Attilio. **Antonio Gramsci**. Recife, PE: Massangana, 2010.
- NOSELLA, Paolo; AZEVEDO, Mário Luiz Neves de. **A educação em Gramsci**. 2009. Disponível em: <<http://www.dtp.uem.br/rtp/volumes/v15n2/02.pdf>>. Acesso em: 12 jan. 2015.
- RODRIGUES, José; HORA, Lícia Cristina Araújo da (coords.). **A educação em Gramsci e sua influência na pedagogia histórico-crítica: a temática da escola e a crítica ao espontaneísmo**. 2012. Disponível em: <[http://www.ifch.unicamp.br/formulario\\_cemarx/selecao/2012/trabalhos/Licia%20Hora.pdf](http://www.ifch.unicamp.br/formulario_cemarx/selecao/2012/trabalhos/Licia%20Hora.pdf)>. Acesso em: 19 jan. 2015

SENA JÚNIOR, Carlos Zacarias de. Por linhas Tortas. Controvérsias marxistas sobre a leitura e a recepção de Gramsci no Brasil. In: LOMBARDI, José Claudinei; MAGALHÃES, Livia D. Rocha; SANTOS, Wilson da Silva (orgs.). **Gramsci no limiar do século XXI**. Campinas, SP: Librum, 2013. p. 17-44.

SILVA, Deise Rosalio. **Intelectuais, cultura e escola única no pensamento político-pedagógico de Antonio Gramsci**. 2010. 267 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, USP, São Paulo, 2010. Disponível em: <[http://www.teses.usp.br/index.php?option=com\\_jumi&fileid=20&Itemid=96&lang=pt-br&cx=011662445380875560067%3Acack5lsxley&cof=FORID%3A11&hl=pt-br&q=Intelectuais%2C+cultura+e+escola+%C3%BAnica+no+pensamento+pol%C3%ADticopedag%C3%B3gico+de+Antonio+Gramsci.&siteurl=www.teses.usp.br%2Findex.php%3Foption%3Dcom\\_jumi%26fileid%3D20%26Itemid%3D96%26lang%3Dpt-br&ref=www.teses.usp.br%2Fteses%2Fdisponiveis%2F48%2F...%2FDEISE\\_ROSALIO\\_SILVA.pdf&ss=14096j99473810j5](http://www.teses.usp.br/index.php?option=com_jumi&fileid=20&Itemid=96&lang=pt-br&cx=011662445380875560067%3Acack5lsxley&cof=FORID%3A11&hl=pt-br&q=Intelectuais%2C+cultura+e+escola+%C3%BAnica+no+pensamento+pol%C3%ADticopedag%C3%B3gico+de+Antonio+Gramsci.&siteurl=www.teses.usp.br%2Findex.php%3Foption%3Dcom_jumi%26fileid%3D20%26Itemid%3D96%26lang%3Dpt-br&ref=www.teses.usp.br%2Fteses%2Fdisponiveis%2F48%2F...%2FDEISE_ROSALIO_SILVA.pdf&ss=14096j99473810j5)>. Acesso em: 12 jan. 2015.